



XIII CONGRESO DE HISTORIA AGRARIA
CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SEHA
XIII CONGRÉS D'HISTÒRIA AGRÀRIA
CONGRÉS INTERNACIONAL DE LA SEHA



Sesión III

Politización, democracia y mundo rural en Europa y América

**El proyecto de las ciudades "santas" de los campesinos del Contestado.
Santa Catarina, Brasil (1912-1916).**

Machado, Paulo Pinheiro

Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil

pmachado@mbox1.ufsc.br



El proyecto de las ciudades "santas" de los campesinos del Contestado. Santa Catarina, Brasil (1912-1916).

Resumen: La Guerra del Contestado fue un movimiento campesino, con fuertes expresiones mesiánicas, que envolvió extensas regiones de los Estados de Santa Catarina y Paraná, del sur de Brasil, en la segunda década del siglo XX. La lucha por la tierra, en la resistencia contra el poder de los terratenientes y jefes políticos locales (Coronéis) resultó en la formación de los "cuadros santos" o "Ciudades Santas" llevaron una población de más de 80 mil personas a vivir en estas ciudades y a luchar contra las fuerzas del ejército brasileño y las policías de Paraná y Santa Catarina. Las principales ciudades "santas" fueron *Taquaruçu*, *Caraguatá*, *Bom Sossego*, *Santa Maria* (la mayor, con más de 20 mil habitantes) *São Pedro*, *Timbó* e *Pedra Branca*. La meta política de los rebeldes era una sociedad sin explotación, como una "irmandad" religiosa. Era prohibido ventas y negociaciones en dinero entre "hermanos". El ganado y las tierras pertenecían a toda la comunidad. Este régimen, denominado "monarquía celeste", era una reelaboración de prédicas y consejos del plegador itinerante João Maria, un tatadiós que hasta hoy es muy presente en la memoria de esta población. Esta ponencia tiene por objetivo analizar las maneras de formación del proyecto rebelde de los campesinos del Contestado. Las fuentes de pesquisa son relatos militares, entrevistas con supervivientes y relatos de viajantes.

Palabras Clave: Guerra del Contestado; Campesinos; Mesianismo; Movimientos sociales rurales; política.

A Guerra do Contestado foi um movimento camponês com características messiânicas que atingiu extensa região do planalto do Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, entre os anos de 1912 e 1916. Ao longo do conflito os camponeses passaram a viver em povoados que eram chamados de Redutos ou Cidades Santas. O objetivo desta comunicação é analisar a formação, os objetivos e os meios de regulação e sustento das Cidades Santas ao longo do movimento. Avaliando a experiência "urbana" das Cidades Santas podemos analisar importantes aspectos do projeto dos rebeldes.

O planalto meridional brasileiro, região onde se desenvolveu o conflito do Contestado, era uma fronteira de expansão agro-pecuária. Começou a ser ocupada por colonizadores luso-brasileiros ao longo dos séculos XVIII e XIX como parte de uma longa rota mercantil chamada "Caminho das Tropas", onde tropeiros conduziam mulas

da região platina para serem vendidas em São Paulo e no restante do Brasil central¹. Com o tempo, ao longo deste caminho foram se formando fazendas de criação, campos de invernada e pequenas vilas. As regiões de pastagens nativas foram apropriadas por grandes latifúndios pecuaristas e as regiões de matas foram tomadas aos indígenas por camponeses que praticavam a coleta da erva mate e agricultura de subsistência.² Como partes importantes destes territórios eram disputados pelos Estados de Santa Catarina e Paraná, denominavam como região do Contestado o espaço geográfico onde ocorreu o movimento camponês.

Entre 1893 e 1895 esta região foi palco de violenta guerra que sacudiu todo o sul do Brasil, a Revolução Federalista. Forças militares e para-militares de duas facções dominantes disputaram o poder regional, levando destruição e mortes em muitas partes do planalto. De um lado estavam os *maragatos*, partidários do federalismo e do regime parlamentar, de outro os republicanos e a nova geração de políticos positivistas que passou a monopolizar os postos públicos com a queda da monarquia, em 1889. Os republicanos venceram o conflito, ficando os *maragatos* marginalizados da participação política por muitos anos. Boa parte da população pobre do planalto era simpática aos federalistas e muitos destes eram identificados com o decaído regime monárquico.

No início do século XX o sul do planalto catarinense, no município de Lages, já era dominado por grandes fazendeiros. Nas regiões do planalto médio e norte, onde se localizavam as vilas de Curitiba e Canoinhas, era uma fronteira de expansão agropecuária, onde fazendeiros apropriavam-se de territórios habitados por pequenos agricultores, mestiços entre indígenas, africanos e portugueses, chamados “caboclos”. Desde o final do século XIX foram fortes os conflitos de terra. Os grandes proprietários,

¹ COSTA, Licurgo. (1982) *O Continente das Lages: sua história e sua influência no sertão de terra firme*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.

² MACHADO, Paulo Pinheiro. (2004) *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas*. Campinas: Ed. da UNICAMP.

freqüentemente oficiais da Guarda Nacional, apoiavam-se na aplicação da legislação de terras e na força da polícia e de suas milícias privadas para expulsar agricultores posseiros, chamados de “intrusos” e ampliar suas propriedades através da violência e da fraude na legitimação de títulos de propriedade.

Para agravar os conflitos, a partir de 1908 foi construída a ferrovia São Paulo – Rio Grande, que cortava a região de norte a sul numa extensão de 280 km ao longo do vale do rio do Peixe e por mais 200 km de um ramal leste-oeste. Pelo contrato de concessão firmado com o governo Central, a empresa norte-americana *Brazil Railway*, recebia do estado vantagens financeiras e a doação de 15 km de terras públicas de cada lado do leito da estrada. A empresa concessionária criou uma subsidiária, a *Lumber and Colonization Company*, que passou a explorar as florestas para produção de madeira e a vender lotes de terra para imigrantes europeus. Entretanto, as terras públicas recebidas como parte da concessão eram habitadas por grande número de camponeses que viviam em regime de subsistência, sem possuir títulos de propriedade sobre suas terras. A *Lumber* possuía uma guarda privada de 300 homens para tomar posse destas terras. Desta forma, a construção dos ramais da ferrovia entre 1908 e 1913 significou uma aceleração da expropriação de camponeses em uma extensa região do planalto, produzindo o principal grupo dos participantes do movimento camponês.

Entre os oficiais do exército que participaram na campanha de repressão ao movimento camponês, também existia a clara noção que a questão de terras estava presente entre as razões do conflito. Apesar de utilizar a denominação pejorativa de “jagunços” (como se fossem bandidos ou pistoleiros) ou de “fanáticos” para caracterizar os camponeses rebeldes, muitos militares identificavam razões mais profundas para a

ocorrência do conflito. Em junho de 1914 o Major Matos Costa, do 11º Regimento de Infantaria do exército afirmava que:

“os jagunços queixam-se de que o Coronel [da Guarda Nacional, grande proprietário] Artur de Paula e outros chefes políticos lhes tomaram as terras que habitavam e agora lhes impedem de recorrer às terras devolutas do governo, por se ter apossado delas pessoas conhecidas e que tem facilidade de obter dos governos grandes territórios, dos dois estados [Santa Catarina e Paraná]”³

Em 1912, circulava pelo planalto catarinense um curandeiro andarilho, chamado José Maria e grande grupo de pobres e doentes passaram a segui-lo em torno das atividades de curas que ele começou a colocar em prática, na tradicional festa de Bom Jesus, em Taquaruçu, povoado localizado no centro do planalto catarinense, município de Curitibanos. Em pouco tempo os habitantes do planalto associaram José Maria à trajetória do monge penitente João Maria, que cruzava as estradas do planalto desde meados do século XIX. Suspeitando que o curandeiro estivesse trabalhando para seus adversários políticos, o Coronel Albuquerque, chefe republicano local e Superintendente Municipal de Curitibanos, chamou pela intervenção da força estadual para dispersar o ajuntamento de camponeses que ele considerava “monarquistas”.⁴

O grupo de José Maria abandonou Taquaruçu e seguiu para a região de Irani, mais a oeste, que estava sob administração provisória do vizinho Estado do Paraná, enquanto a questão de limites entre estes estados não se resolvia. A polícia paranaense interpretou a migração do grupo de José Maria como uma “invasão catarinense” e enviou forte unidade policial para dizimar os sertanejos. A expedição resultou em violento combate, no qual morreram o curandeiro José Maria e o comandante da força policial, além de vários soldados e camponeses.

³ PEIXOTO, Demerval (1995). *A Campanha do Contestado*. Curitiba: Fundação Cultural. Volume 1, p. 156.

⁴ VINHAS de QUEIROZ, Maurício. (1966) *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado, 1912-1916*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

A Cidade “Santa” de Taquaruçu

Um ano após a morte de José Maria (que ficou sendo cultuado de forma semelhante ao andarilho João Maria), passam os sertanejos a construir “Cidades Santas” em extensas regiões do planalto catarinense. Muitos camponeses falavam no “retorno” de José Maria, que viria acompanhado do “Exército Encantado de São Sebastião”, para dar combate aos “peludos” (como eram chamados os partidários do governo e os grandes proprietários).

A partir de dezembro de 1913, com a fundação do segundo povoado de Taquaruçu, a população local, tomada de forte expectativa milenar, fundava a vila como se fosse uma “Nova Jerusalém”, um local apropriado para aguardar o “retorno” de José Maria junto ao “*Exército encantado de São Sebastião*”. Os habitantes da “Cidade Santa” sentiam-se membros de uma mesma “irmandade”, construindo uma linguagem religiosa agregadora, a “Monarquia Celeste”. Para isto tinham que se submeter a fortes laços comunitários, que regulavam e disciplinavam as relações internas e as normas de subsistência. O segundo povoado de Taquaruçu não era mais um ajuntamento provisório de doentes em busca de curas ou de pessoas que participavam de festas religiosas rurais, era uma comunidade que procurava estruturar novas relações sociais, um novo meio de vida. Como traço marcante de ruptura com o mundo antigo, os novos moradores de Taquaruçu eram batizados, muitos recebiam novos nomes, novos padrinhos, novos compadres.⁵ As normas e ordens de José Maria eram “recebidas” por crianças videntes, “virgens” que relatavam seus sonhos para os mais velhos. Logo se

⁵ MONTEIRO, Douglas Teixeira. (1974). *Os Errantes do novo século*: um estudo sobre o surto milenar do Contestado. São Paulo: Duas Cidades.

formou uma espécie de guarda de elite camponesa, os “Pares de França” ou “Pares de São Sebastião”, que eram responsáveis pela segurança da “Cidade Santa”.⁶

Na memória dos sobreviventes e seus descendentes as razões do movimento sertanejo são freqüentemente obscuras, quando não reproduzem diretamente o discurso vencedor dos militares e dos políticos republicanos. Entre os fazendeiros e seus descendentes não há dúvidas: o movimento sertanejo foi puro banditismo. O neto do Cel. Antônio Carneiro, dos Campos de São João afirma que:

A guerra foi assim, puro banditismo. Hoje tem muita gente contando outras coisas, dizendo que havia problemas de terras, que tinham sido tomadas pelos americanos, mas é tudo invenção. Naquela época havia terra de sobra para quem quisesse. Era tudo terreno devoluto. Os governos até facilitavam a legitimação das posses. Este sertão era muito grande, a população era pequena.⁷

A questão de terras é lembrada por Gilberto Kopecki, de Irineópolis, norte do planalto catarinense. Filho de Ana Júlia Kopecki, imigrante de origem polonesa que escrevia rezas para os sertanejos do reduto do chefe rebelde Bonifácio Papudo, Gilberto lembra que a *Brazil Lumber and Colonization Co.* empresa norte-americana, subsidiária da *Brazil Railway*, encarregada da exploração da madeira e da colonização com imigrantes dos territórios marginais a estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, usava de força, fraude e constrangimento político para expulsar os antigos moradores da região:

Em alguns lugares tiravam a força mesmo, com capangas. Em outras situações eles obrigavam o pessoal a assinar um papel em branco. Quem fez isto aqui foi o Nereu Ramos, que era advogado da Lumber. O Nereu, mesmo novo, tinha muita autoridade sobre as pessoas, era filho do Governador Vidal. Ele reuniu o pessoal dizendo que era para assinar em branco os papeis, que todos iam ter suas terras

⁶ A denominação de “Pares de França” é uma apropriação da obra “A História de Carlos Magno e dos doze Pares de França” de grande circulação pelo interior do Brasil. Os camponeses se identificaram com alguns valores ligados à valentia, à lealdade e à luta contra infieis e a defesa de uma “Santa Religião” no texto da gesta medieval. Mais estudos sobre isto encontramos em ESPIG, Márcia Janete (2004). A presença da gesta Carolíngia no movimento do Contestado. Canoas: Ed. ULBRA.

⁷ Entrevista com Dário Carneiro, Caçador, Santa Catarina. MACHADO, Paulo Pinheiro (2001). *Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado (1912-1916)*. Campinas, São Paulo. Tese de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Anexos.

regularizadas. Que nada ! As assinaturas serviam pras pessoas renunciar ao direito de posse. Isto minha mãe viu pessoalmente, aconteceu mesmo.⁸

Quando os sertanejos voltam a reunir-se em Taquaruçu um ano após o combate do Irani, não se tratava mais da Festa de Bom Jesus, um povoado provisório em torno de um curandeiro, mas de um claro desafio ao Cel. Albuquerque e às autoridades estaduais.

“Quem tem mói, quem não tem também mói”

Como resultado de um processo de reelaboração mística, a própria trajetória do curandeiro José Maria foi santificada, aproximando-o do monge João Maria, antigo andarilho que desde meados do século XIX trilhava os caminhos do planalto. A nova Taquaruçu seria uma comunidade criada para a prática da “Santa Religião”, deveria ser o local de vida de uma irmandade, onde todos trabalhariam e nada faltaria a ninguém. A crescente militarização do movimento, estimulada pelos constantes ataques da polícia estadual e das primeiras tropas do exército, atraiu ao grupo inicial dos seguidores de José Maria, um grande número de habitantes do planalto, antigos federalistas, opositores políticos locais dos republicanos e, principalmente, grande número de moradores próximos ao leito da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, que estavam sendo expulsos de suas pequenas lavouras.⁹ O discurso milenar em torno da “Santa Religião” e da busca de um “governo do Céu” foi agregador destes diferentes grupos sociais. Além disso, o discurso milenar atraía outros setores, inclusive os próprios soldados das tropas oficiais. Segundo o relato do Capitão Vieira da Rosa, do 54º

⁸ Entrevista com Gilberto Kopecki, Irineópolis, Santa Catarina. MACHADO, P. P. (2001). *Op. Cit.*, anexos

⁹ Estudos mais detidos sobre o processo de reelaboração mística dos sertanejos, ocorrida entre o combate do Irani e a formação do segundo reduto de Taquaruçu encontramos em VINHAS DE QUEIROZ, M. (1966). *Op. Cit.*, e em MONTEIRO, Douglas Teixeira. (1974). *Op.Cit.* Importante testemunho sobre estas transformações encontramos em LEMOS, Alfredo de Oliveira.(1996). *A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte de minha vida naqueles tempos.* Passo Fundo: Beltier.

Batalhão de Caçadores do exército informava que “*nosso Batalhão era composto de gente que poderia adotar a crença jagunça, ficar tão fanatizado como os jagunços.*”¹⁰

Como afirma Vittorio Lanternari - em estudo sobre movimentos messiânicos e milenares africanos que possuíram uma conotação anti-colonial - é preciso entender o discurso religioso dentro do contexto e das experiências sociais e culturais da população que o expressa. A função profana das religiões populares, animada por um senso de liberdade e de justiça, transforma-se em arma de ação direta “*devotada à resolução de crises existenciais concretas, determinadas pela dinâmica histórica, função que consiste na instauração de formas adequadas de redenção mítico-ritual.*”¹¹

Para Cipriano Fragoso, filho de um morador do reduto de Santa Maria - o maior reduto sertanejo criado em finais de 1914, que o Capitão do exército Tertuliano Potiguara contou como o conjunto de 5.500 casas e 28 igrejas - os sertanejos pensavam em criar uma comunidade muito especial. Existe uma memória das relações comunitárias da irmandade, mas a idéia do saque, acusação dos inimigos, mas confirmada por muitos redutários, está também presente:

Eles queriam uma revolução, queriam tomar conta do país, do Estado de Santa Catarina. Então eles queriam que tudo fosse uma irmandade, mas tudo no comum. O que era produzido de criação e mantimento eles queriam comer junto, uma coisa assim. Mas ninguém trabalhava, então não tinham nada, tinham que buscar fora onde outros trabalhavam.¹²

Estas condições de sobrevivência, que dependiam do saque e do arrebanhamento do gado dos grandes proprietários, se fez muito necessária durante o ano de 1914, quando a intensificação da guerra obrigou os sertanejos a uma maior mobilidade de suas

¹⁰ VIEIRA DA ROSA, José. (1934). “Santa Catarina”. *Enciclopédia do Almirante Carneiro*. Florianópolis. P. 77.

¹¹ LANTERNARI, Vittorio. (1974). *As religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Perspectiva. pp. 10 e 17.

¹² Entrevista com Cipriano Fragoso. MACHADO, P.P.(2001) *Op. Cit*, Anexos.

Cidades Santas, o que resultou na frustração de qualquer possibilidade de auto-subsistência.

Os habitantes de Taquaruçu e dos demais redutos e “Cidades Santas” não fizeram quaisquer referências a Princesa Isabel ou aos Braganças, antiga família reinante do Império brasileiro. Tratava-se de uma opção por um tipo muito especial de monarquia, uma monarquia sem rei. O rei que esperavam era José Maria e a monarquia era a “Lei de Deus”, um regime sagrado que significaria, para a população, uma vida de justiça e bem-estar¹³. A monarquia era terrena e celeste. Era uma negação ao *status quo*, representava a fundação de uma alternativa de organização social e política. A expectativa milenar colocada pela espera de José Maria abria o ambiente político local para uma sucessão de lideranças místicas que disputavam a capacidade de “comunicação”, por visões, sonhos e demais formas reconhecidas de acesso aos que “se passaram” com José Maria. Nem sempre estas disputas foram pacíficas, mas os vitoriosos sempre legitimaram suas chefias a partir desta autoridade da ligação com o monge.

Traços distintivos da monarquia cabocla eram os fortes laços comunitários e os princípios anticapitalistas¹⁴. Os sertanejos lembravam que José Maria havia recomendado estas normas comunitárias afirmando que na vida em Taquaruçu não caberia a “irmãos” praticar as relações mercantis vigentes na sociedade envolvente. Todos deveriam contribuir para o abastecimento e para a subsistência da “Cidade Santa”, também chamada de “Reduto” e aqueles que nada possuíam seriam apoiados pelos mais remediados. Um filho de Eusébio informou que o lema lembrado pelos sertanejos, atribuído a José Maria era “*quem tem mói, quem não tem também mói e no*

¹³ MONTEIRO, Duglas Teixeira. (1974). *Op. Cit.*

¹⁴ Isto pode ser observado na entrevista de João Paes de Farias em GALLO, Ivone Cecília D’Ávila. (1999) *O contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas: Ed. UNICAMP.

fim todos ficam iguais”. Moer estava relacionado à atividade de se pilar o milho, um dos principais alimentos.

A economia das Cidades “Santas”

A organização do “Quadro Santo” tinha como objetivo preparar a comunidade para o retorno de José Maria e do “exército encantado” de São Sebastião. Na vivência deste momento religioso denominado de “parúsia”, ou seja, da espera do retorno de um messias que estabelecerá um período de justiça e felicidade para os adeptos do movimento, a população sertaneja deveria adotar um modo de vida compatível com o que chamavam ser as “leis de Deus”¹⁵. São práticas baseadas num igualitarismo cristão, na divisão dos recursos de subsistência disponíveis entre todos os fiéis, cabendo aos mais remediados abastecer com seus recursos os mais necessitados.

Euclides Felipe recolheu da tradição oral popular a memória, em forma de poesia, do significado da formação da “Cidade Santa” de Taquaruçu. As décimas revelam a expectativa pela chegada de José Maria e uma vida com fartura e felicidade.¹⁶

As décimas relatam algumas esperanças e convicções dos sertanejos. José Maria é filiado à tradição de São João Maria, que queria colocar “ordem” neste mundo. Seu retorno é certo, sem precisão de quando ocorrerá, mas muitos já o viram sorrindo à cavalo nas nuvens. Com sua chegada haverá fartura, com alimentos brotando dos rios e coxilhas, neste paraíso não será necessário trabalhar, nem se precisará de dinheiro, pois haverá folga à vontade para as famílias.

¹⁵ A “parúsia” e a apropriação da visão do apocalipse pelos sertanejos do Contestado são avaliadas por Gallo, Ivone C. D. *Op. Cit.*, p. 48.

¹⁶ Literalmente, as décimas foram transcritas nestes termos: *Tamo aqui no Quadro Santo/ Esperando Zé Maria/ Nós sabemos que ele disse/ Que aqui ressurgiria/ Sempre foi muito querido/ Nosso bão José Maria/ Com certeza há de vortá/ Lá por mais ou menos dia/ De repente lá vem ele/ Tá ali com João Maria/ Trazê orde nesta terra/ Bem conforme prometia/ Arrumemo o Quadro Santo / Pra esperá José Maria / Há de vir sem mais demora/ Isto é o que nós queria/ Meio mundo que tá aqui / Já enxergo José Maria / A cavalo lá nas nurve / La de riba ele sorria / Alegria virá na terra / Ao chegar José Maria / Os arroio vira leite / De cuz-cuiz nossas coxíia / Ninguém mais fica doente / Ao vortá José Maria / Casa e mesa a todo mundo / Boia quente e água fria / Não percisa mais dinheiro / Chega a fé em Zé Maria / Temo forga a vontade / Pra criá nossas família / Se alegremo minha gente / Esperando José Maria / Viveremo em paraíso / Como nunca se vivia. FELIPE, Euclides J. (1995). *O último jagunço*. Curitiba: UnC.*

A visão paradisíaca do retorno de José Maria não deve ser confundida com a avaliação de que os sertanejos viviam uma “*rejeição anti-econômica do mundo*”. Pela visão weberiana, esta rejeição seria animada por uma espécie de “*religião ética de salvação*”, que promete a “*redenção do mal rejeitando o mundo por meio de uma coerente ética da conduta*”.¹⁷ Esta interpretação reforça o ponto de vista oficial indicando que os sertanejos, desde seu primeiro ajuntamento, negavam-se ao trabalho de subsistência e tinham apenas no saque às fazendas alheias o seu sustento. Destacados chefes rebeldes, como Eusébio e Chico Ventura, além de outros (Xandoca, Manoel Alves, Elias de Moraes, as famílias Quadros, Alves dos Santos e Sampaio), sustentaram as cidadelas caboclas de Taquaruçu e Caraguatá no consumo de seus bens e poupanças.

É importante registrar que as comunidades de Taquaruçu e de São Sebastião das Perdizes eram formadas originalmente por pequenos e médios sitiantes que, se não eram ricos, viviam em razoável abundância de alimentos. Mesmo em Caraguatá, reduto construído em janeiro de 1914 com a evacuação de Taquaruçu e bem próximo a sede do distrito de São Sebastião das Perdizes, os moradores da região contribuía com gêneros para a subsistência do reduto. Em torno destes redutos formaram-se roças e currais para abrigar o gado dos novos membros que, a cada dia, aumentavam a irmandade. Não há uma rejeição, em abstrato, às atividades econômicas, há sim rejeição ao acúmulo de riquezas, ao dinheiro e ao comércio interno, visto como incabível entre *irmãos*.

O maior problema a ser considerado, que dificulta a avaliação da sustentabilidade econômica da comunidade dos redutos, foi sua precoce agressão por parte do governo e de fazendeiros vizinhos. Após a destruição de Taquaruçu, em fevereiro de 1914 e o acirrado combate de Caraguatá, um mês depois, os sertanejos

¹⁷ AMARAL, Roniere (1998). *Messianismo e liberdade: Análise do movimento do Contestado segundo Max Weber*. Dissertação de Mestrado em História, Brasília, UnB, pp. 69-70. Para este autor, a “*comunidade de bens*” que vigorou nos redutos do Contestado era a expressão de um “*desprezo pelo mundo*” compartilhado pelos sertanejos, p. 118.

partiram efetivamente para o saque sobre fazendas próximas. A guerra estava deflagrada.

Dois camponeses rebeldes, aprisionados pelo exército e enviados para Curitiba, em abril de 1914, declararam como a liderança rebelde operava na atração de seguidores e no abastecimento inicial das “Cidades Santas” :

“Venuto, Sindoca e o velho Eusébio nos diziam : ‘José Maria ordenou que todos devem participar da Guerra de São Sebastião’. Quem não o fizesse seria castigado severamente : vem uma escuridão de três dias, e ainda outros castigos piores, para quem se recusasse a tomar parte da guerra santa. Mais mandou José Maria que cada um devia contribuir para a alimentação dos fiéis, a recompensa seria de dez para um”.¹⁸

A promessa de uma “recompensa” que poderia ou não ser entendida como simbólica, era administrada com a coadjuvação dos antigos vaticínios de João Maria sobre os “três dias de escuridão” que iniciariam um período de castigo aos infiéis. Participar da “Guerra Santa” e abastecer os redutos eram obrigações previstas religiosamente.

A grande mobilidade dos redutos sobre uma extensa região, como uma necessidade de guerra, dificultou o desenvolvimento de uma atividade de subsistência mais estável. O sentimento anti-capitalista dos sertanejos não os impediu de desenvolver intensas e regulares transações comerciais externas, com casas comerciais das vilas do planalto e até das capitais dos estados. Normalmente trocavam couros e erva mate por alguns mantimentos, sal, armas e munições.

Francisca Simôa de Lima, viúva do chefe Benvenuto Alves de Lima, o Venuto Baiano, quando capturada pelo exército, afirmou que seu marido tinha como fornecedores alguns comerciantes da costa do rio Timbó que vendiam “*farinha, açúcar,*

¹⁸ STULZER, Aurélio (1982) *A Guerra dos fanáticos: 1912-1916, a contribuição dos Franciscanos*. p. 58. O citado “Sindoca” deve ser o domador de cavalos Leovigildo Alves de Oliveira, vulgo “Gidoca”, genro de Eusébio e pai da menina vidente Teodora.

sal e caixas de munição para carabinas winchester e Nagant”.¹⁹ No cerco ao reduto de Santa Maria, o Gen. Setembrino de Carvalho reprimiu fortemente os comerciantes que desenvolviam relações com os “fanáticos”. Era prática corrente dos sertanejos retornar a seus sítios de origem para colher o que fosse possível de recursos. José Ribeiro da Rosa e José Pires do Prado foram presos com suas esposas por forças do governo perto de Poço Preto, em seus sítios, porque tinham saído do reduto de Santa Maria (a mais de 40 km de distância) conduzindo algumas mulas, com ordens do chefe Adeodato, para “*colher mandioca e fazer farinha para abastecer o reduto*”²⁰.

Hobsbawm aponta como algo fundamental, nas guerras camponesas em geral, a sazonalidade das atividades militares, uma vez que, em determinados períodos do ano, os camponeses precisam retornar às suas terras para colheita. “*Por mais militantes que sejam os camponeses, o ciclo de sua labuta os acorrenta a seu destino.*”²¹ No Contestado, porém, a existência, entre os redutários, de um razoável número de errantes, sitiantes expropriados, peões e agregados que haviam abandonado seus antigos patrões, resultava num maior desprendimento e mobilidade do grupo rebelde. As roças improvisadas nas “guardas” e ao redor dos redutos, a criação do gado arrebanhado, apesar de não serem suficientes para a subsistência total dos redutários, eram atividades que ocupavam a maioria da população. Porém, não podemos desprezar a importância numérica, provavelmente majoritária, de posseiros e sitiantes independentes entre os redutários, indivíduos e famílias que possuíam pequenos tratos de terras, e as circunstâncias, que não são uma mera coincidência, que os dois grandes processos de rendição em massa dos rebeldes ocorreram no início do verão, último prazo para

¹⁹ Auto de perguntas a Francisca Simôa de Lima, Comando da Coluna Norte, Canoinhas, 03/03/1915. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, (AHEx), caixa 5542.

²⁰ Auto de perguntas a José Ribeiro da Costa e Jorge Pires do Prado e suas esposas Carmilha Simôa Chaves e Francisca Maria da Silveira. Acampamento do 12º Batalhão, Poço Preto, 3/04/1915, AHEx.

²¹ HOBBSAWM, Eric J. (1998). *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. 2ª ed., trad. Irene Hirsch, São Paulo: Paz e Terra, p. 227.

formação de novas lavouras de milho, cereal fundamental para a subsistência da população local.²²A perspectiva da aproximação do outono e inverno sem poder dispor de uma safra abundante, certamente exerceu pressão desagregadora sobre a *irmandade* cabocla. Os relatos acentuam o crescente descontentamento interno com a fome e o desejo de fuga, principalmente quando apertou o cerco militar.

A experiência “urbana” dos sertanejos também não era uma completa novidade. Muitos já estavam acostumados a pousar nos pequenos povoados do planalto quando aconteciam as festas de São Sebastião nas Perdizes, em janeiro e na festa de Bom Jesus em agosto, em Taquaruçu. Também era uma prática corrente, em temporadas de colheita de erva-mate, a formação de pequenos acampamentos provisórios dentro das matas, devido à intensidade da atividade de colheita e salpico da folha de ilex, que obrigava ao abandono provisório de suas lavouras. João Maria de Paula declara que “*aquele povo antigo tinha costume de fazer acampamentos pelo mato para retirar erva [mate]*”, *casca de granomônia [para fazer fibras e tecidos] e caçar.*”²³

Os redutos formaram-se em locais novos, onde não havia Vila ou Sede de Distrito ou Freguesia anterior. Mesmo quando quase toda a população de São Sebastião das Perdizes adere ao movimento, o reduto de Caraguatá é construído fora do rocio deste distrito. É possível considerar que isto se devia ao projeto sertanejo de construção de uma “Cidade Santa”, uma “Nova Jerusalém”, como afirmava Eusébio, uma cidade que não deveria ser uma continuidade da vida então existente. Seria a construção de algo realmente novo, com nova identificação territorial, onde não vigorariam os poderes das antigas autoridades. Isto pode ser relativizado se considerarmos o fato de que uma

²² O primeiro processo de rendição em massa ocorreu em janeiro de 1915, na região de Canoinhas, com as rendições dos Chefes Bonifácio Papudo, Carneirinho, Inácio e Gregório de Lima e Alemãozinho, junto a eles apresentaram-se mais de 3.000 sertanejos às forças oficiais. A segunda, e derradeira, rendição em massa ocorreu entre dezembro de 1915 e janeiro de 1916, com a destruição do último reduto do Timbó, onde apresentaram-se às forças oficiais mais de 10 mil sertanejos. Dados oferecidos por PEIXOTO, Demerval. *Op. Cit.* Vol. 2, p. 151.

²³ Entrevista com João Maria de Paula, Matos Costa, Santa Catarina. MACHADO, P.P. (2001) *Op. Cit.* em anexo.

das principais lideranças rebeldes oriundas de Perdizes, Elias Antônio de Moraes, era oficial da Guarda Nacional e antigo Juiz de Paz neste distrito. Com certeza Elias exercia parcela significativa de sua liderança por conta dos cargos públicos que ocupou durante sua vida, principalmente o de Juiz de Paz, função de enorme importância numa comunidade pobre e fronteiriça.²⁴

Próximas aos redutos, nos pontos estratégicos de acesso, situavam-se as “guardas”, pequenos acampamentos, com alguma dezena de casas, um cruzeiro, onde mantinham os rituais das *formas* praticados no reduto principal. As “guardas” dedicavam-se à vigilância e proteção militar do reduto e, também, à plantação de roças e criação de animais. Rafael Teodoro do Vale, que foi *vaqueano* civil da força de Chico Lino, no Corisco (região do Distrito de Santa Cecília do Rio Correntes, Curitibanos), afirmou que já havia morado na guarda do Caçadorzinho, um afluente do rio Caçador Grande, ao norte de Perdizes. Rafael informa que na guarda existiam 50 homens, “*muitos com suas famílias*”, onde “*plantavam roça e criavam gado arrebanhado*”.²⁵

O “Comunismo” caboclo

Dentro dos redutos, os recursos considerados de todo o grupo eram formados pelas terras circunvizinhas, o gado grande (bois e vacas) e miúdo (galinhas e porcos) trazido pelos sertanejos ou capturados nas fazendas do inimigo. Todos os alimentos provenientes das roças individuais, ou trabalhadas em mutirão, também eram de domínio da *irmandade*. Depois de Caraguatá, com o grande crescimento da população dos redutos, haverá um comandante destacado especificamente para cuidar do abastecimento interno.

²⁴ O nome de Elias Antônio de Moraes aparece também em mesas de apuração eleitoral no distrito de São Sebastião das Perdizes. Atas de Eleições. Museu do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, Florianópolis (MTJSC), processos Curitibanos.

²⁵ Auto de perguntas a Rafael Teodoro do Vale, 25/01/1915, Regimento de Cavalaria do Corisco, caixa 5542, AHEx.

Os casebres construídos com rachões de pinheiro e telhados de folhas de palmeiras, apesar de ser de uso familiar, não podiam ser comprados nem vendidos. O sentimento de irmandade cimentava estas práticas comunitárias, “do que um comia, todos tinham que comer; do que um bebia, todos tinha que beber; todos eram irmãos”.²⁶ Os redutários chamavam-se mutuamente de *irmãos* e, com freqüência, rebatizavam os novos membros que aderiam ao grupo, numa cerimônia com características rituais, onde era escolhido um novo padrinho e, portando, formavam-se novos vínculos de compadrio, em substituição às antigas relações. Era comum que os chefes fossem escolhidos como novos padrinhos, o que cimentava novos vínculos de fidelidade.²⁷ A nova vida em comunidade necessitava de novas referências sociais, ao mesmo tempo em que rompia com muitos dos antigos vínculos.

O *comunismo caboclo* foi produto da elaboração do grupo dirigente inicial Eusébio, Querubina e Chico Ventura, tomando como experiência a rápida passagem de José Maria por Taquaruçu e Irani, em 1912.

A vigilância dos chefes sobre o comportamento dos sertanejos dentro dos redutos foi aumentando no decorrer do conflito e, da mesma maneira, o rigor da disciplina interna crescia conforme aumentava a escassez de bens de subsistência. Em vários testemunhos, a vida nos redutos é descrita como folgada e até divertida, nos primeiros tempos. Com os rigores da guerra, que se intensificam no final de 1914, os laços comunitários sofreram extremo desgaste. Virgínia, que viveu no reduto de Santa Maria (dez. 1914/abril 1915) quando era adolescente, afirma que assistiu à execução, ordenada pelo chefe Adeodato, durante a *forma*, de um primo seu que tinha roubado

²⁶ Depoimento Maria, VINHAS DE QUEIROZ, M. (1966), *Op. Cit.*, p. 156.

²⁷ Entrevista com Raulino Correia de Souza, Lebon Régis, Santa Catarina. MACHADO, P. P. (2001). *Op. Cit.* em anexo.

milho de um “irmão”.²⁸ Em depoimento a Ivone Gallo, João Ventura associa os laços de irmandade com a visão cabocla de Monarquia:

“A gente queria a Monarquia e isto não é fanatismo porque foi uma lei que gerou-se também assim como uma eleição que nós votamos aí no governo (...) A lei do comunismo é igual a lei da Monarquia porque é uma lei severa. Ninguém pode matar um e ninguém pode roubar e todo mundo trabalha tudo, como uma irmandade. Toda comida é colhida e depositada numa casa e tudo é igual, então aquele que precisa das coisas, chega ali, pega um tanto de mantimento e leva para a sua casa. A lei do comunismo é esta, não é ? (...) Eu acho que é uma boa lei, né ?”²⁹

Certamente João Ventura denomina de “comunismo” a experiência social onde “*todo mundo trabalha tudo*” e “*aquele que precisa das coisas, chega ali, pega um tanto de mantimento e leva para sua casa*”. É muito possível que a denominação, o emprego da palavra “comunismo” por Ventura seja uma criação posterior ao movimento. Não dispomos de qualquer fonte sertaneja contemporânea ao movimento que levante esta palavra para caracterizar a vida social dos redutos. A introdução desta palavra poderia ter ocorrido posteriormente, seja como avaliação pessoal de Ventura da longa experiência mundial do comunismo no séc. XX, ou pela insistente campanha anticomunista do clero católico durante este período. Rosalina Watrin afirma que em Canoinhas havia um velho padre que dizia que os “fanáticos” eram comunistas.³⁰ De qualquer maneira, existiu como algo central na vida dos redutos, uma prática social que foi, pelo menos posteriormente, associada ao comunismo.

Mesmo assim, este *comunismo caboclo* não era baseado em um igualitarismo extremo. Havia diferenças, não muito grandes, nas condições de abastecimento das lideranças. O grupo mais próximo dos chefes, os “Pares de França”, as “virgens”, não passaram pelas mesmas necessidades rigorosas que os redutários sofreram nos prolongados períodos de cerco militar. Sebastião Padilha, que viveu no reduto de Bom

²⁸ Depoimento de Dona Virgínia, colhido e transcrito por MONTEIRO, Duglas T. (1974) *Op. Cit.*, pp.244 a 247.

²⁹ Depoimento de João Paes de Farias, GALLO, Ivone.(1999). *Op. Cit.* p. 161.

³⁰ Entrevista com Rosalina Watrin, Canoinhas, Santa Catarina. MACHADO, P.P. (2001), em anexo.

Sossego no final de 1914, afirma que “*os jagunços estão sofrendo privações de víveres*” e que “*farinha e sal só há para os graúdos*”.³¹

Eram considerados bens pessoais os cavalos, as armas e o dinheiro que cada um trazia consigo. Há informações de que, no início do movimento, os sertanejos queimavam todo o dinheiro em papel (impresso pela República) e mantinham guardadas moedas do tempo do império que ainda circulavam na região. Porém, parece que esta não era uma ocorrência comum. A vida nos redutos no início do conflito era pontilhada por retornos a seu sítio de origem para colher mantimentos e destiná-los aos redutos, poupanças eram empregadas para fazer compras externas a comerciantes da região. Com a intensificação do conflito militar com o governo, os líderes sertanejos precisaram de maiores recursos para adquirir armas e munições e, além da receita auferida com a venda de couros e erva-mate, procederam a arrecadação entre os sertanejos de parte de suas poupanças. Raulino Correia de Souza, que era menino no tempo da guerra, afirma que, a certa altura, o comandante Domingos Crespo convocou toda a população do reduto para “*benzer o dinheiro*” que cada um guardava. Metade do dinheiro “bento” retornava ao seu dono, a outra parte ficava com os comandantes.³²

Para os sertanejos, a Monarquia é concebida como a Lei de Deus, é a forma divina de organização política do Estado. Colocava-se como um contraponto direto à República, identificada como a “Lei do Diabo” e com o poder dos Coronéis. Neste contexto, um pensamento ligado à Monarquia não é um projeto reacionário, mas é, antes de mais nada, um projeto de autonomia frente às forças políticas e sociais dominantes.

Rui Facó, que entende os movimentos de Canudos, Contestado e Caldeirão como reações “progressistas” das massas rurais contra o poder do latifúndio “semifeudal”, não avalia que estes processos políticos colocavam em xeque as “relações

³¹ Inquérito Policial-Militar, réu Sebastião Gonçalves Padilha, Porto União, 28/11/1914, AHEX, caixa 5532.

³² Entrevista com Raulino Correia de Souza, Lebon Régis, Santa Catarina. MACHADO, P. P. Op. Cit., em anexo.

semifeudais” de produção, e que pudessem construir relações de novo tipo. Para este autor, as relações em forma de “trabalho cooperativo” construídas por estes movimentos davam-se, principalmente, por influência de tradições indígenas, pelo grande atraso no desenvolvimento das forças produtivas do meio rural e pela existência de uma economia semi-natural predominante no mundo sertanejo.³³ Já relatamos como a ocupação do planalto catarinense processou-se com o caminho das tropas e com uma longa tradição mercantil da pecuária, da agricultura de gêneros e da erva mate. A argumentação de Facó é ineficaz para explicar a existência do que ele denomina de “trabalho cooperativo” introduzido por estes movimentos sociais.³⁴

No Contestado, havia um estreito relacionamento da idéia de Monarquia com o *comunismo caboclo*. A Monarquia não significava um retorno ao passado, nem um projeto político definido em termos formais. Os sertanejos entendiam e praticavam sua Monarquia lutando por um “reinado de paz, prosperidade e justiça na terra”.³⁵

Os problemas de abastecimento foram cruciais para o desenrolar do movimento. Embora muitos depoimentos confirmem a existência de criações e lavouras trabalhadas pelos redutários, a rapidez da guerra, o cerco militar e a crescente população dos redutos impedia uma auto-suficiência alimentar e reclamava por outras soluções. Raulino Correa, que morou em vários redutos explica como faziam para abastecer estes povoados:

No reduto a gente voltava pros nossos sítios para colher o que fosse possível e pegar algum animal desgarrado. Depois, mais tarde o que funcionava mesmo eram os piquetes que iam pra cima das fazendas para arrebanhar gado. Me lembro que no começo as pessoas comiam muito nos redutos, mas depois foi diminuindo, diminuindo, até vir a fome mais braba. No fim, quando conseguiam uma ou duas

³³ FACÓ, Rui. (1963) *Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e Lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. 69 e 70.

³⁴ A construção de um projeto diferente de sociedade em Canudos é apontado por Walnice Nogueira Galvão (2001), onde houve “*um esforço desenvolvido por populações carentes de tudo para criar novas formas de vida em comum. De um modo ou de outro, engendraram uma estrutura alternativa de poder que as subtraía ao mando de fazendeiros, padres e delegados de polícia.*” *O Império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos*. “Col. História do povo brasileiro”, São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, p. 111.

³⁵ Depoimento de Honorato, citado por Vinhas de Queiroz, M. (1966) *Op. Cit.*, p. 155.

rezes para matar pra todo aquele povo, as crianças cercavam o animal abatido e comiam até as tripas quentes.³⁶

Com o aumento do cerco do exército aos redutos, a condição de arrebanhamento de gado alheio para abastecimento era cada vez mais difícil, então segundo vários depoimentos tudo o que se mexia podia ser comido. A memória da fome é particularmente impactante na guerra, já que nesta região, embora a população de peões, agregados e posseiros fosse muito pobre, viviam antes da guerra num regime alimentar razoavelmente farto. Mesmo o planalto sendo uma região típica de expansão da pecuária extensiva, havia grande número de roças de milho, feijão e mandioca. Os pobres também eram pequenos criadores, tanto de gado vacum como de suínos e aves. Durante a guerra seus recursos foram dilapidados pela ação dos piquetes de vaqueanos, tropas civis a serviço do governo, e, muitas vezes, pelo próprio abandono de seus sítios de origem. Segundo Antônio França Pinto, como boa parte da população dos redutos lá estava contra sua vontade, só a alguns era permitido sair para caçar ou para buscar víveres e gado. O clima de festa e fartura que existia inicialmente nos redutos, foi sendo substituído pela escassez e pela desconfiança, isto ocorreu na fase final do conflito, quando firmou-se a chefia de Adeodato (também chamado Leodato):

Com a bandeira na mão os jagunços começaram a tratar o Leodato como chefe, e ele foi se empolgando. O rapaz que pediu permissão para caçar queria mesmo era roubar gado alheio, era isto que os jagunços chamavam de caçar, e Leodato fez o mesmo que Chiquinho (antigo chefe) fazia, não deixou ir sozinho. Porque se fosse sozinho podia fugir. Os chefes só deixavam sair do reduto de dois ou mais, daí um controlava o outro. Então o rapaz disse que não tinha companheiro para sair junto, que já não tinham carne, que já estavam passando fome. Nisso o Leodato, que não era comandante ainda, mas já estava na direção, puxou sua espada. Ele tinha uma espada que foi do D. Pedro II. Pois ele enfiou a espada no sujeito que queria sair. A espada atravessou a barriga e saiu pelas costas. Saía sangue para lá e para cá. O rapaz ferido ficou um tempo de pé e um negrinho com uns 5 anos, louco de fome, correu com uma caneca para pegar e beber o sangue que jorrava pela barriga e pelas costas do jagunço. No reduto tinha muita fome, comiam xaxim, comiam o diabo.³⁷

³⁶ Entrevista com Raulino Correia, Lebon Régis, Santa Catarina. MACHADO, P.P. (2001). *Op. Cit.* Anexos.

³⁷ Entrevista com Antônio França Pinto, Lebon Régis, Santa Catarina. MACHADO, P. P. (2001). *Op. Cit.*, anexos.

A suposta espada de D. Pedro II é referência que cria uma ligação dos sertanejos com a idéia de Monarquia como Lei de Deus ou Lei do Céu, como defendiam. A chefia cruel do comandante Adeodato, que teve início em novembro de 1914, após a morte do chefe Chiquinho Alonso, é descrita com um conjunto de atos sanguinários tanto por adversários, como por rebeldes. A descrição do menino se alimentando do sangue do sujeito atingido se soma a outras descrições de que pessoas comiam vermes, formigas e até carne humana para sobreviver. Em muitos outros depoimentos, a memória da fome aparece associada à tirania de Adeodato. Nestor Scholl, antigo homeopata que tratava a saúde da população da região do interior de Curitiba e Fraiburgo, em entrevista concedida ao Padre Thomas Pieters, em 1973, afirma:

Muitos jagunços feridos vieram comigo no meu consultório e me contaram, que os próprios jagunços mataram muitas pessoas, por lá de Liberata mataram duas famílias, sobraram três meninas, que foram no mato buscar pinhão para comer. Três famílias até foram matadas. Me contaram que o chefe dos jagunços matou muitas pessoas, o dia que ele não matou uma dúzia está certo. Não houve homem que tinha coragem de matar ele, era Deodato, ele tinha doze capangas com facão. Eu sei de Joaquim Moreira, e um jagunço me contou, que ele mandou matar uma criança com a espada. De cada jagunço que matou cortou a orelha, fez um colar para o cavalo. Falei com muitos jagunços, me contaram como ocorreu, como foi. Foi uma coisa espantosa, eles morreram de fome, não tinham mais de que comer. Assim se terminavam os jagunços.³⁸

Como Adeodato, na condição de comandante geral chefiava o grupo de “Pares de França”, provavelmente é esta a referência aos “doze capangas com facão”. A crueldade aparece em estado puro, sem necessidade de razões. Os relatos orais sobre Adeodato, ainda hoje em curso, são muito semelhantes ao discurso de auto-vitimização dos sertanejos quando se apresentavam para rendição final para as tropas do exército (na documentação do exército estes relatos são fartamente repetitivos nos Autos de Perguntas aos prisioneiros da Campanha do Contestado). Para vários testemunhos, com o comando de Adeodato, terminou a “santidade” e a “proteção” que existia dentro dos

³⁸ Entrevista de Nestor Schnoll ao Padre Thomas Pieters, 1973.

redutos³⁹. Milhares de pessoas declaram que viviam nos redutos contra sua vontade, estavam lá unicamente por temor à Adeodato, quase sempre apresentado como um “demônio em pessoa”.

Ao longo da guerra as Cidades “Santas” atravessaram diferentes conjunturas. No início, festas e abundância, com a intensificação dos ataques militares e o crescente cerco, as condições de subsistência se tornaram extremamente difíceis, o que levou a uma desagregação dos laços comunitários e de crise e destruição das Cidades “Santas”. Entre dezembro de 1915 e janeiro de 1916, mais de 10 mil camponeses sobreviventes renderam-se às autoridades militares, quando a última Cidade “Santa”, São Pedro, foi ocupada e destruída pelos militares.

Referências bibliográficas:

AMARAL, Roniére Ribeiro do. (1998). *Messianismo e liberdade: Análise do movimento do Contestado segundo Max Weber*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Brasília. UnB.

COSTA, Licurgo. (1982) *O Continente das Lagens: sua história e sua influência no sertão de terra firme*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.

ESPIG, Márcia Janete (2004). *A presença da gesta Carolíngia no movimento do Contestado*. Canoas: Ed. ULBRA.

FACÓ, Rui. (1963) *Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e Lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FELIPE, Euclides José. (1995). *O Último Jagunço: o Folclore na História da Guerra do Contestado*. Curitiba: Ed. UnC.

GALLO, Ivone Cecília d’Ávila (1999). *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas: Ed. UNICAMP.

GALVÃO, Walnice Nogueira. (2001). *O Império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos*. “Col. História do povo brasileiro”, São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo.

HOBBSBAWM, Eric J. (1998). *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. 2ª ed., trad. Irene Hirsch, São Paulo: Paz e Terra.

LANTERNARI, Vittorio. (1974). *As religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Perspectiva.

LEMOIS, Alfredo de Oliveira. (1996). *A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte de minha vida naqueles tempos*. Passo Fundo: Beltier.

³⁹ Esta mudança fica muito explícita nas entrevistas de Porfírio Alonso (irmão do chefe Chiquinho Alonso) para MONTEIRO, Douglas Teixeira. (1974) *Op. Cit.*, Anexos, e na entrevista de Elias Ribeiro em MACHADO, P. P. (2001) *Op. Cit.*, Anexos.

LEMOS, Zélia de Andrade. (1983). *Curitibanos na História do Contestado*. Curitiba: Imprensa Frei Rogério.

MACHADO, Paulo Pinheiro. (2001). *Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado*. Campinas. Tese de Doutorado em História. UNICAMP.

MACHADO, Paulo Pinheiro. (2004). *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: Ed. UNICAMP.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. (1974). *Os errantes do novo século: um estudo do surto milenar do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades.

PEIXOTO, Demerval. (1995). *A Campanha do Contestado*. Curitiba: Fundação Cultural. Coleção Farol do Saber, 3 vols.

STULZER, Aurélio. (1983). *A Guerra dos Fanáticos (1912-1916): a contribuição dos Franciscanos*. Petrópolis: Ed. Vozes.

VIEIRA DA ROSA, José. (1934). "Santa Catarina". *Enciclopédia do Almirante Carneiro*. Florianópolis.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício (1966). *Messianismo e conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)*.

Fontes:

1. Arquivo Histórico do Exército (Rio de Janeiro):

-Relatórios;

-Autos de Perguntas a prisioneiros;

-Inquéritos Policiais-Militares;

2. Museu do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (Florianópolis):

- Processos de Curitibanos;

3. Arquivo Particular do Autor:

- Entrevistas feitas pelo Padre Tomas Pieters, 1973.